

DA LOGICIZAÇÃO DO MUNDO AO MUNDO PRÉ-DADO:

Uma análise da existência a partir da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de Edmund Husserl de 1936

[FROM THE LOGICIZATION OF THE WORLD TO THE PREDATE WORLD:

an analysis of existence from the work *The crisis of european sciences and the transcendental phenomenology of Edmund Husserl* 1936]

Claudinei Reis Pereira

claudnei_2012@hotmail.com

Doutorando em filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo-Ufes; Mestre em filosofia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI e especialista em Ética e Política pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão- IESMA e em Lógica e Ciências Cognitivas pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA. Graduado em filosofia pela Instituto de Estudos Superiores do Maranhão-IESMA.

DOI: [10.25244/tf.v12i2.295](https://doi.org/10.25244/tf.v12i2.295)

Recebido em: 29 de novembro de 2019. Aprovado em: 15/02/2020

Caicó, ano 12, n. 2, Jul.-Dez., 2019, p. 25-41, ISSN 1984 - 5561

Fluxo Contínuo



Da logicização do mundo ao mundo pré-dado: uma análise da existência a partir da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de Edmund Husserl de 1936
PEREIRA, Claudinei Reis

Resumo: Este artigo expõe a fenomenologia como análise do mundo da vida como mundo pré-dado, isto é, mundo pré-significativo, entendendo-o assim como condição ontológica existencial. Faz uma análise existencial a partir da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Apresentar algumas críticas segundo E. Husserl sobre o universo minimizante ao qual se estabelece dentro do contexto de uma caracterização científica de mundo, em que Husserl afirma que o mundo da vida não se enquadra dentro de um contexto formal estabelecido, mas o mesmo é entendido como dinâmico, intencional, experiencial e vivencial. Ademais, destaca alguns aspectos do método fenomenológico como meio para a experiência ontológica transcendental. Deste modo, busca evidenciar uma maior compreensão epistemológica da teoria husserliana do mundo da vida tendo contato direto de suas obras. Conclusivamente, expõe como Husserl apresenta sua crítica à visão científica de mundo, propondo de outro modo, a visão experiencial de uma ontologia transcendental.

Palavras-chave: Edmund Husserl. Fenomenologia. Epoché. Lógica. Mundo da vida.

Abstract: This article exposes phenomenology as an analysis of the world of life as a pre-given world, i.e., pre-signifying world, I understand it as an existential ontological condition. It makes an existential analysis from the work *The crisis of European sciences and the transcendental phenomenology*. Present some criticisms according to E. Husserl about the minimizing universe to which it is established within the context of a scientific characterization of the world, in which Husserl states that the world of life does not fit into an established formal context, but it is understood as dynamic, intentional, experiential and experiential. Moreover, he highlights some aspects of the phenomenological method as a means to transcendental ontological experience. In this way, he seeks to evidence a greater epistemological understanding of the Husserlian theory of the world of life by having direct contact with his works. Conclusively, he exposes how Husserl presents his critique of the scientific world view, proposing in another way, the experiential view of a transcendental ontology.

Keywords: Edmund Husserl. Phenomenology. Epoché. Logic. World of life.

Da logicização do mundo ao mundo pré-dado: uma análise da existência a partir da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de Edmund Husserl de 1936
PEREIRA, Claudinei Reis

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como pretensão apresentar a crítica de Edmund Husserl (1859-1938) a ciência, mais especificamente, ao processo de objetivação do mundo da vida. Para tanto, darei destaque a obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de 1936.

Este assunto fora trabalho mais especificamente em umas das disciplinas da especialização na área de Lógica e Ciências Cognitivas, ao qual me levou a querer entender um pouco mais como Husserl apresenta seus argumentos críticos sobre a ciência, sobre a simples formalidade lógico-analítica. A divergência filosófica de cunho analítico e filosofia fenomenológica, hermenêutica existencial ficou ainda mais clara dentre algumas disciplinas, e no meu caso, posteriormente mais evidente dentro do curso de mestrado em Ética e Epistemologia pela Universidade Federal do Piauí, ano de 2015-2016.

Neste sentido, percebi ao longe da especialização e durante o período do mestrado, que duas linhas que aparentemente deveriam trabalhar convergentemente, trabalham divergentemente, ou seja, infelizmente não existe a proposta de diálogo entre Ética e Filosofia Política com a outra linha de pesquisa, Epistemologia e Filosofia da Linguagem. Isso, em minha análise se dá pelo fato que existe um “ar” de superioridade dentro campo “filosofia analítica” em relação ao que eles chamam de “filosofia europeia” (que para alguns teóricos, essa nomenclatura não é a mais adequada) de cunho mais hermenêutico e existencial. Como se vê, para os dos autores críticos dessa postura, Solomon (2011), por exemplo, afirma que os analíticos se tornaram os “profissionais” da filosofia, por outro lado, essa postura filosófica em Husserl poderemos caracterizar como “ingenuidade”.

Por certo, motivado pela experiência acadêmica do professor orientador na área fenomenológica e motivado pela questão-limite da ciência, da lógica e da própria analítica, buscamos entrar em discussão sobre tais questões norteadoras.

Com base nisso, segundo Cerbone (2014), a fenomenologia tem como proposta frente ao *processo da ciência natural*, (ao qual buscar proceder exclusivamente pela coleta de dados, pela pesquisa hipotética e explicação de dados) apresentar o olhar fenomenológico, em que o mesmo tem como princípio averiguar a realidade por via exclusiva da experiência, abstendo-se assim inteiramente dos métodos de formulação hipotética extraída de inferências reguladoras da existência. Assim, para Husserl, a fenomenologia é o caminho mais viável para a saída do olhar naturalizante (atitude natural) do homem perante o mundo da vida (*Lebenswelt*).

Neste trabalho, mesmo dando destaque a leitura husserliana, o mesmo não se esgota estritamente em Husserl, mas buscamos ampliar a discussão apresentando alguns de seus comentadores assim como outros pensadores críticos dessa visão objetivante de mundo motivada simplesmente pela ideia científica, lógica e analítica. Minimizando assim a compreensão para além do dado experiencial (rigoriedade científica), ao qual seria a busca transcendental descritivo de mundo.

Edmund Husserl tinha como uma de suas propostas filosóficas dentro de sua “teoria do conhecimento fenomenológico” apresentar ou estabelecer de forma racional a relação entre sujeito e objeto, ao qual fora minimizada pela ciência em seu processo de objetivação.

Da logicização do mundo ao mundo pré-dado: uma análise da existência a partir da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de Edmund Husserl de 1936
PEREIRA, Claudinei Reis

Desse modo, Husserl estabelece a busca dessa relação por via de uma razão pré-científica, pré-objetiva, ou seja, sua teoria do conhecimento e seu interesse pela ciência ainda permanece, contudo, se faz por via de uma teoria do conhecimento ao qual se caracteriza como pré-dada.

Ademais, seu interesse parte pela busca da essência real das coisas promovidas pelos signos (eis uma palavra importante em Husserl) expressos no mundo, em que sujeito e objeto encontram seu significado de suas vivências dentro da fusão de horizontes.

Para tanto, este trabalho versará em duas partes, a saber: Na primeira parte, expõe a partir do olhar de Husserl, as características da crise da ciência e sua verificação da objetivação do mundo da vida. Na segunda parte do artigo apresenta a fenomenologia como proposta de ressignificação do mundo da vida frente ao mundo objetivo da ciência.

A CRISE DAS CIÊNCIAS: a verificação husserliana diante da objetivação do mundo da vida.

Podemos afirmar primeiramente que um dos objetivos de Husserl em sua teoria do conhecimento ou teoria epistemológica é apresentar uma filosofia não mais pautada em paradigmas tradicionais, mas em que a mesma tenha um fundamento de rigorosidade. De início, podemos afirmar de acordo com Tourinho (2011) que se pode dizer que, na primeira metade do século XX, o projeto filosófico anunciado por Husserl exprime-se pela determinação em dar uma fundamentação rigorosa à Filosofia e, através dela, a todas as demais ciências. Partindo de um método da mesma precisão de rigorosidade matemática, Husserl de outro modo, estabelece outros critérios, por exemplo, o rigor racional, a clarificação dos sentidos das coisas mesmas promovendo assim um aspecto rigoroso a própria filosofia.

Ao evidenciar suas críticas a própria ciência, é importante destacar que Husserl não era contra a ciência, não se pode fazer de sua análise uma interpretação literal, pelo contrário, a ciência seria/é fundamental para vários aspectos da vida humana, por meio dela, a humanidade teve vários avanços. Por essa razão, Husserl (2012, p. VII) considerava que a ciência faz parte integrante da origem e do destino da humanidade europeia. Em conformidade com seu pensamento, a crise das ciências europeias, muito mais do que uma crise epistemológica, é uma crise espiritual e existencial da Europa. Isso significa dizer a partir do olhar husserliano a crise europeia das ciências corresponde diretamente a uma crise existencial da humanidade. Pois tendo colocado (a Europa) sua confiança anos diante do projeto positivo-científico, agora, a mesma se vê perdida diante de sua própria idealização puramente objetiva de mundo. Ressalta-se então:

Uma parte da crise retratada na obra deriva justamente da inadequação desta última autorreflexão perante o êxito galopante das ciências positivas. Em virtude dessa inadequação, as ciências perderam rapidamente o seu

Da logicização do mundo ao mundo pré-dado: uma análise da existência a partir da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de Edmund Husserl de 1936
PEREIRA, Claudinei Reis

fundamento de sentido. [...] Em primeiro lugar, trata-se de saber se é possível uma fundamentação última da razão e da ciência por ela produzida. Em caso negativo, a ciência é mera simbologia e técnica cegas, às quais não subjaz nem deve subjazer nenhuma inteligência acerca da verdade, do significado e da finalidade do seu uso. Em segundo lugar, se a humanidade, podendo encontrar um solo comum onde se radicar, saberá conduzir-se ‘no esforço infinito de autonormatização por meio desta verdade e genuinidade da humanidade’ (HUSSERL, 2012, p. VII, grifo do autor).

Percebe que o interesse de Husserl ao levar suas críticas a ciência, não é em primeira mão, destruir a mesma, mas saber quais seus caminhos, suas perspectivas, sua integral responsabilidade pelo sentido e significado da humanidade ao qual fora submetida ao domínio da técnica. Husserl aponta, pois, para questões muito profundas, como: “[...] para que serve a ciência, para onde nos conduz, quais as suas limitações, de onde provém, por que e como se transformou em técnica, com as suas virtudes, deficiências e consequentes riscos” (HUSSERL, 2012, p. VIII).

Na realidade, busca-se saber que o lugar onde habita o humano se tornou um solo inseguro diante das promessas “seguras” da ciência positiva. Ademais, se ela promoveu uma espécie de regularidade à vida humana. Trata-se ainda segundo Constança César (2013), que o tema da crise europeia é desenvolvido a partir de uma diferenciação do grau de desenvolvimento das ciências da natureza, que têm o interesse voltado para a explicação físico-química da natureza em geral, e das ciências do espírito, que são dirigidas para a compreensão do homem enquanto pessoa e comunidade, em particular acerca de sua vida e seu agir.

A partir do olhar husserliano, a tecnização da ciência funciona como uma espécie metódica, ao qual esquece a verdadeira atenção à fonte de significação real do mundo da vida. Para tal superação da visão científica (isso veremos após ilustrar aqui algumas de suas críticas à ciência) que faz necessário uma nova radicalização frente à radicalização do modo científico de mundo, ou seja, parte-se de uma nova radicalização filosófica, isto é, do projeto fenomenológico transcendental. Transcendental porque só por essa caracterização é possível o sujeito voltado conscientemente para o mundo (seu aspecto intencional) promover a ressignificação de si o do próprio mundo e de suas estruturas. Fazendo referência à Husserl a ciência, Tourinho afirma que:

A crítica da fenomenologia ao modo de consideração positivista se faz notar, particularmente, quando colocamos frente a frente o exercício do método indutivo adotado pelas ciências positivas com o que Husserl chamou de ‘intuição de essências’ (*Wesensschau*). Na investigação fenomenológica, tal ‘intuição de essências’ surge como a visão por meio da qual a coisa intencionada nos é revelada em sua doação originária e, portanto, em um grau apodítico de evidenciação. Toda ciência pressupõe, segundo Husserl, um quadro de essências. Porém, ao tomar o fato como objeto de uma observação sistematizada, procurando descrever a sua regularidade, o cientista positivista desconhece o quadro de essências que a sua investigação pressupõe, almejando, com o exercício da indução,

Da logicização do mundo ao mundo pré-dado: uma análise da existência a partir da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de Edmund Husserl de 1936
PEREIRA, Claudinei Reis

inferir uma 'lei geral' (TOURINHO, 2012, página irregular, grifo do autor).

Falar de método indutivo partindo de Tourinho tendo como base o pensamento de Husserl significa afirmar que existe uma formalização do discurso ao qual a ciência não daria conta de responder, ou seja, o aspecto transcendental da realidade. Segundo Cerbone (2014) questões de ordem transcendentais 'como é possível'; o que isso significa são as ciências naturais (a atitude natural, de um modo geral) devem pressupor algo que necessita de explicação filosófica. Para Husserl segundo este autor, a fenomenologia é modo de fornecer essa explicação.

Seguidamente assim, Husserl a partir da própria *Crise das ciências*, adverte que a crise das ciências formara uma expressão radical pobre do mundo da vida, não simplesmente da vida particular subjetiva, mas a crise radica referente à humanidade europeia. Esta por sua vez, segundo Husserl (2012) não diz nada menos que a sua cientificidade genuína. Destaca Husserl (2012) que meras ciências de fatos fazem meros homens de fatos. Ou seja, o homem se deixa guiar cegamente pela visão unilateral da objetividade científica. As questões transcendentais ("como é possível") são desconsideradas. A mesma desconsidera as questões de permanência e relevância para história do pensamento filosófico, ou seja, desconsidera as condições "essências". Adverte Tourinho:

Se as ciências positivas não deixam de conceber a relação entre subjetivo e objetivo em termos da dicotomia 'interioridade' / 'exterioridade', considerando o objetivo como algo que nos remete sempre para uma realidade exterior e independente, para o que transcende a própria vivência do mundo, a redução fenomenológica permite-nos, ao nos lançar para o modo transcendental de consideração do mundo, recuperar a autêntica objetividade na própria subjetividade transcendental – domínio último e apoditicamente certo sobre o qual deve ser, segundo Husserl, fundada toda e qualquer filosofia radical – unindo, com isso, o objetivo e o subjetivo (TOURINHO, 2012, página irregular, grifos do autor).

Como bem destaca Tourinho, o método de análise da ciência parte do método fragmentário da relação entre sujeito, objeto e mundo. O mundo¹ não seria dentro da visão científica o lugar autêntico da fusão de horizontes (vivências) do sujeito e objeto, do sujeito

¹ Entre os diversos pontos conceituais criados por Husserl, a ideia de *mundo* tem um destaque singular ao qual, segundo Sikolowsk (2000) O mundo não é uma grande "coisa", nem é a soma das coisas que foram ou podem ser experienciadas. O mundo não é como uma esfera flutuando no espaço, nem é uma coleção de objetos moventes. O mundo é mais como um contexto, uma configuração, um segundo plano, ou um horizonte para todas as coisas que existem, todas as coisas que podem ser intencionadas e dadas para nós; o mundo não é uma outra coisa competindo com aquelas. Ele é o todo para todas elas, não a soma delas todas, e é dado para nós como um tipo especial de identidade [...] O termo "mundo" é unum tantum. [...] O mundo" não é um conceito astronômico; é um conceito relacionado com nossa experiência imediata. O mundo é a configuração última para nós mesmos e para todas as coisas que experienciamos. O mundo é o concreto e o todo atual de nossa experiência. Cf. SIKOLOWSKI, Robert. *Introdução à Fenomenologia*. Loyola: São Paulo, 2000.

Da logicização do mundo ao mundo pré-dado: uma análise da existência a partir da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de Edmund Husserl de 1936
PEREIRA, Claudinei Reis

para o sujeito. Ao contrário, em Husserl, o sujeito intencional parte da própria experiência de mundo para pensar o sujeito-objeto. Não obstante, excluir o sujeito do mundo é descolar o lugar originário do sujeito-mundo enquanto *índice*.

Para Husserl, a vida é o encaminhamento de índices ao qual o sujeito enquanto expressão, dar significado e voz ao próprio mundo. Ademais, o mundo seria ou se torna em Husserl o local da fusão de horizontes (vivências) entre sujeito objeto/ sujeito-sujeito.

Por essa razão, Constança César (2013) afirma que Husserl a partir do diagnóstico da crise das ciências, busca restabelecer as conexões perdidas entre racionalidade e mundo da vida, buscando a superação do estreitamento da razão e o silêncio correspondente acerca dos problemas fundamentais da subjetividade. O olhar fenomenológico seria um indicador, um índice não objetual, mas o espaço e caminho de possibilidade para “[...] função comunicativa.” (HUSSEL, 2008, p. 30). Tal função comunicativa seria o repouso de horizonte entre o sujeito e objetivo mediado pelo mundo, lugar de encontro de espaços das vivências.

Tal experiência parte de outra ordem que não é da ordem da objetividade verificável científica. Esta postura permanente da ciência é o que a faz ter nas categorias husserlianas, a *atitude natural*. Nesta perspectiva é que Cerbone (2014) adverte:

De acordo com Husserl, as ciências naturais e, de um modo geral, a atitude natural são ‘ingênuas’. Dizer que as ciências naturais e a atitude natural são ingênuas não significa dizer que exista qualquer coisa de errado com elas. [...] A acusação de ingenuidade indica somente uma limitação, não um erro, da parte da atitude natural e das ciências naturais; a acusação indica que existem questões que estão, em princípio, para além de seu alcance. Em outras palavras, as ciências naturais (e, de um modo geral, a atitude natural) não podem explicar como a consciência procede ao ‘contatar’ objetos, uma vez que qualquer explicação possível oferecida por ela será expressa em termos de objetos (CERBONE, 2011, p. 34, grifo do autor).

A linha que separa a atitude natural da atitude fenomenológica é a condição de consciência experiencial das vivências da relação entre sujeito e objeto. O objeto (podendo ser o próprio sujeito) passa a ter lugar quando a visão natural dá lugar à visão fenomenológica. Para tanto, se deverá passar necessariamente pela redução fenomenológica.

A ideia de ingenuidade da científica é de grande significante para entender a crítica de Husserl ao pensamento científico. Em seu celebre texto *A ingenuidade da ciência*, Husserl busca esclarecer de modo contundente os limites do método da ciência; por sua vez, a ciência esqueceu que a experiências do universo pré-dado, pré-estabelecido, está para além da verificabilidade. Vejamos:

Nesse reino de conhecimentos acabados e propostos, já adquiridos e a serem ainda adquiridos, os cientistas atuais tiveram sua formação; sendo assim, eles são ingênuos quanto à recepção das verdades, questões e métodos de trabalho. O que significa aqui ingenuidade: é provável que o cientista saiba de modo vagamente geral que ele foi educado para

Da logicização do mundo ao mundo pré-dado: uma análise da existência a partir da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de Edmund Husserl de 1936
 PEREIRA, Claudinei Reis

compreender o patrimônio cultural profissional (as verdades, as teorias) e as tarefas motivadas por ele – e isso vale para qualquer outra cultura e para as profissões relacionadas a ela assim como para os trabalhadores dessas profissões; além disso, ele também sabe de modo vagamente geral que sua ciência, como toda cultura, tem sua história (HUSSERL, 2009, 663-664).

Ao que se percebe, a ingenuidade da ciência é a sua desconsideração pela história, como algo que segundo Husserl (2009) acompanha todo o processo do conhecimento. Como exemplo, podemos abrir um parêntese diferentemente da ciência propriamente ditada, Michel Foucault em sua obra *Microfísica do poder* de 1973-1980, apresenta claramente vários aspectos históricos no decorrer de seu trabalho, isso se verifica nos tópicos como: *O nascimento da medicina social*; *O nascimento do hospital*; *A casa dos loucos*; *A política da saúde no século XVIII* ou mesmo no texto *O nascimento da clínica* de 1963 ou *História da sexualidade* de 1976.

Essa importância dada por Foucault também não é desconsiderada por Husserl, pelo contrário, acredita que para se chegar a uma reflexão sobre o método pragmático da ciência, faz-se necessário uma compreensão crítica da própria história de progresso científico ou progresso de mundo. Husserl (2012) ressalta que não alcançamos esta tarefa pela crítica de um sistema qualquer, atual ou antigo, de alguma ‘visão do mundo’ científica ou pré-científica (que poderia ser, afinal, uma visão do mundo chinesa), mas somente a partir de uma compreensão crítica da unidade completa da história – da *nossa* história.

A crítica husserliana avança ao passo que os critérios verificáveis da ciência são percebidos excludentes do próprio horizonte do mundo da vida. Há de se perceber, por exemplo, que a ideia de uma Filosofia enquanto ciência de rigor em Husserl tem como proposta a partir de uma ideia transcendental expurgar a própria filosofia da pura racionalidade, isto é, a crença em uma razão absoluta que garantiria a história da humanidade, o seu sentido, ao qual sempre fora destacado pela tradição filosófica, como a fonte segura para o homem. Neste sentido, ressalta Husserl:

[...] Assim, cai também a crença numa razão ‘*absoluta*’ a partir da qual o mundo tem o seu sentido, a crença no sentido da história, no sentido da humanidade, na sua liberdade, nomeadamente como a capacidade de o homem prover à sua existência humana individual e geral um sentido racional. [...] A filosofia ultrapassar, porém, esta figura prévia que foi a da filosofia antiga na sua primeira e originária fundação inaugural, porquanto apreender a ideia excessiva de um conhecimento universal, referido ao todo do ente, a põe como a sua tarefa. [...] Cada vez mais a história da filosofia, vista de dentro, assume o caráter de uma luta pela existência, a saber, como luta de uma filosofia que vive na sua tarefa – de uma filosofia que acredita *ingenuamente na razão* (HUSSERL, 2012, p. 9, grifo nosso).

A razão enquanto ideia absoluta cada vez mais se torna enigmática no sentido de que não consegue responder satisfatoriamente ao sentido e significado do homem e da história. Neste sentido, é que Tourinho (2012) afirma que o anseio de fundamentação da filosofia

Da logicização do mundo ao mundo pré-dado: uma análise da existência a partir da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de Edmund Husserl de 1936
PEREIRA, Claudinei Reis

como ciência rigorosa se tornaria indissociável de uma estratégia metodológica que viabilizasse o alcance de uma evidenciação apodítica dos fenômenos. Desse modo, a filosofia enquanto caráter de rigor se move não pelo “eu” empírico, ao qual se lança no mundo natural, mas um “eu” (ego transcendental²) ao qual está direcionado no olhar da essência das próprias coisas.

Neste sentido, Husserl (1992) afirma que a fenomenologia é um novo método descritivo, ao qual parte de uma ciência *a priori* que segue e destina-se a oferecer um corpo básico para uma filosofia estritamente científica possível de um desenvolvimento consistente, uma reforma, metódica de todas as ciências.

Na verdade, Husserl busca uma teorização epistemológica do mundo da vida tendo em vista não o universo do simples dado e elaborado, mas pré-dado, pré-sistematizado, pré-objetivo. Isso nos leva a afirmar que a teoria do conhecimento husserliana se estabelece neste universo em que “o mundo é pré-cientificamente dado, na experiência sensível cotidiana, de modo subjetivo-relativo. Cada um de nós tem as suas aparições, e estas valem para cada um como aquilo efetivamente é” (HUSSERL, 2012, p. 17).

Todavia, não podemos pensar que a partir da visão lógica formal sistematizante da ciência, possa-se assegurar uma verdadeira significância existencial. O mundo “exato” favorecido ingenuamente pela matematização de medida empírica demonstrou historicamente a falecia do mundo dentro do seu real horizonte infinitamente aberto. Segundo Husserl:

A roupagem de ideias da ‘matemática’ e ciência matemática da natureza’, ou a *roupagem dos símbolos*, das teorias simbólico-matemáticas, abrange tudo aquilo que, para os cientistas, assim como para os homens instruídos, *substitui* o mundo da vida e o mascara. [...] A roupagem das ideias faz com que o *sentido próprio do método*, das formulas, das ‘teorias’ permaneça incompreendido, e que, no surgimento ingênuo do método, não seja *jamaiz* compreendido (HUSSERL, 2012, p. 41, grifo do autor).

Por certo, o destacamento husserliano sobre a fragilidade do método científico fica claro aos leitores que não é genuinamente seguro, mas perpassa evidentemente pelo caráter da ingenuidade. Ou seja, em Husserl (2012), afirma que o sentido transcendental do ser do mundo da vida pré-dado é uma *configuração subjetiva*, realização da vida empírica pré-científica.

Até aqui, buscamos elaborar brevemente algumas provocações a partir das críticas de Husserl à ciência partindo de alguns pontos específicos de sua teoria-crítica tendo como base sua obra *A crise das ciências*. Por fim, nos deteremos a seguir como a partir do método

² O ego puro ou transcendental não é um *segundo* eu ou sujeito além da minha subjetividade mundana, como se essa subjetividade mundana fosse de algum modo habituada pelo ego da maneira que uma mão abita uma luva. Ao contrário, o ego puro é exatamente o mesmo sujeito, mas considerado abstraído de todas as características que contribuem para minha existência real empírica. Cf. CERBONE, David. R. Fenomenologia. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 57.

Da logicização do mundo ao mundo pré-dado: uma análise da existência a partir da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de Edmund Husserl de 1936
 PEREIRA, Claudinei Reis

fenomenológico, Husserl nos possibilita uma nova ontologia, ou seja: uma ontologia de ressignificação transcendental do mundo da vida.

A FENOMENOLOGIA COMO PROPOSTA DE RESSIGNIFICAÇÃO DO MUNDO DA VIDA (*LEBENSWELT*).

Chegando ao último ponto deste trabalho, objetivamos apresentar aos leitores como a fenomenologia é vista como uma proposta possível pra a ressignificação do mundo da vida. Entretanto, mesmo sabendo da existência de outros caminhos, outras correntes filosóficas as quais poderiam ser um caminho para uma ressignificação de mundo da vida, elegemos a fenomenologia como proposta singular, pois percebemos que ela se colocar diretamente contra a massificação científica de mundo.

Como vimos até então, a logicização do mundo e sua cientificação, a pura exatidão matemática, a análise dos “profissionais” da filosofia, ao que parece, não fazem parte do caminho para tal ressignificação. Estes modelos e, de modo específico, a filosofia analítica segundo Solomon (2011) costumeiramente definida em termos do interesse pela lógica e pela linguagem, não subjaz um interesse diretamente ao ser humano. Por essa razão, Solomon (2011) afirma que a busca de uma teoria formal abrangente tropeçou em devastadora dificuldade com a lógica de Kurt Gödel que, em 1931, formulou a ‘*prova da incompletude*’, demonstrando que sempre haverá alguma frase improvável em todo sistema formal suficientemente poderoso para fazer o que os filósofos linguísticos queriam que fizesse. No mínimo, a prova de Gödel foi um tiro de alerta dentro do santuário. Neste sentido, ressalta Solomon:

Filosofia não é criação de novas preocupações esotéricas, é antes atenção mais concentrada nas preocupações que já são comuns a todos. [...] A filosofia é necessidade genuína, e os problemas que enfrentam são reais e não pseudoproblemas. Ela surge várias vezes na vida, mais previsivelmente na infância, antes de ser reprimida por pais e professores indiferentes; no final da adolescência, quando as questões de identidade e do lugar que ocupa no mundo afloram tumultuariamente; e nas várias crises da vida – divórcio, doença grave, morte de ente querido, fracasso pessoal, sublevação política. E os *filósofos profissionais* não se dispõem a responder às perguntas sinceras. [...] Preferem as fantasias libidinosas de Shirley MacLaine ao tédio de ceticismo profissional que encontrar erros em todos os argumentos, confusão em todas as percepções, tolice em todo sentimento bom, *paradoxos inacessíveis escondidos sob cada figura de linguagem* (SOLOMON, 2011, p. 31, grifo nosso).

Solomon a fazer suas críticas (nada indireta) à filosofia analítica (os profissionais da filosofia, como ele mesmo os definem). Sua crítica se aproxima de certo modo da crítica

Da logicização do mundo ao mundo pré-dado: uma análise da existência a partir da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de Edmund Husserl de 1936
PEREIRA, Claudinei Reis

husserliana a ciência, pois assim como Husserl, entende que essa visão minimizante da realidade advém da própria fragmentação metódica da ciência. Husserl não utiliza a mesma expressão definida por Solomon ao se referir aos analíticos enquanto os “profissionais” da filosofia. Contudo, podemos salientar que Husserl poderia muito bem utilizar-se desse termo ao se referir a ciência, classificando-os assim como os “profissionais ingênuos” da ciência.

Como destacamos anteriormente, pensar uma nova forma de filosofia enquanto ciência de rigor significa estabelecer um novo paradigma, tanto do ponto de vista do sujeito enquanto sujeito (ego transcendental) como do mundo (mundo entendido enquanto lugar experiencial de vivências). Para tanto, se busca uma reflexão profunda e inaugural (fenomenologia) em caminho da problematização acerca do sujeito em seu próprio contexto do mundo da vida. Por essa razão, Constança César (2013) afirma que a tarefa da fenomenologia é, pois, estudar a significação das vivências da consciência. Faça-se necessário passar da atitude natural (posição científica) para o olhar descritivo fenomenológico (atitude fenomenológica). Para tanto, destaca Ferreira:

Na tentativa de superar tal ingenuidade, Husserl propõe uma nova via de acesso ao problema; a postura de suspensão de juízo acerca de todos os conhecimentos, modelos e métodos científicos, assim como de todas as verdades pressupostas para o edifício de quaisquer sistemas. Tal suspensão denomina-se e constitui o gesto inaugural de uma nova filosofia, a saber, a fenomenologia (FERREIRA, 2006, p. 71).

Passar da atitude natural para a atitude transcendental fenomenológica significa chegar ao grau de superioridade diante do olhar “inferior” da própria atitude natural. Contudo, há de se observar que ao apresentar a atitude fenomenológica como um “andar superior” em detrimento do olhar natural, isso não significa dizer que a fenomenologia tem a melhor maneira ou a forma mais plausível para se chegar à maturidade intelectual. Mas esta por sua vez, possibilidade uma singular maneira de ver e o mundo da vida. Neste sentido, ressalta Zilles:

Husserl chama a concepção do senso comum de atitude natural à qual opõe a atitude fenomenológica, segundo a qual o mundo é nada mais do que o que ele é para a consciência, ou seja, fenômeno. [...] Na verdade a macieira percebida só existe enquanto percebida. Na atitude natural, a consciência ingênua vê o objeto como exterior e real. Na atitude fenomenológica o objeto é constituído na consciência. E a fenomenologia torna-se o estudo da constituição do mundo na consciência. Constituir significa remontar pela intuição até a origem, na consciência, do sentido de tudo que é, origem absoluta (ZILLES, 2006, p. 23).

A importância dada por Husserl à consciência se dá pelo fato que a mesma seria como um “dispositivo” intencional ao qual possibilita o sujeito à compreensão das essências manifestadas no mundo. Sem a atitude intencional da consciência, isto é, atitude fenomenológica se torna impossível uma compreensão evidente da realidade.

Se por um lado existe um desinteresse pelas “essências” no método científico, em Husserl encontra-se exatamente o seu contrário. Nele, por exemplo, a palavra *fundamentação*

Da logicização do mundo ao mundo pré-dado: uma análise da existência a partir da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de Edmund Husserl de 1936
PEREIRA, Claudinei Reis

é grande significado, isso é entendido quando nos referimos a quantificação de uma determinada unidade (matematicamente falando). Para Husserl, mais do que tomando esta como uma simples observação, ele busca entender como se constitui essa quantificação dessa unidade. Por isso é que é afirmado que a ciência positiva “decapita” o ser humano, pois tira do ser humano a busca intencional pelo sentido das coisas.

Desse modo, Husserl (2013) afirma que é manifestadamente necessária a execução consciente da redução fenomenológica, a fim de alcançar aquela vida de consciência, aquele eu a partir do qual nos será possível levantar questões transcendentais, enquanto questões sobre a possibilidade do conhecimento transcendente.

A TAREFA DE UMA ONTOLOGIA DO MUNDO DA VIDA: A GENUIDADE DA EPOCHÉ TRANSCENDENTAL-UNIVERSAL COMO CONDIÇÃO FENOMENOLÓGICA PARA RESSIGNIFICAÇÃO DO MUNDO DA VIDA.

Fazer um exercício de definição da teoria epistemológica husserliana não é tarefa tão simples. Se quisermos ter como ponto de partida a própria definição conceitual da palavra “fenomenologia”, ou seja, o seu estudo dos fenômenos ou mesmo ciência dos fenômenos, isso parece não dizer muito ao leitor. Conquanto, eis o ponto de apoio de significado da teoria epistemológica husserliana. Ela está para além das condições aparentes, da mera descrição e do exercício mínimo do pensamento filosófico. Pois se encontra dentro da fusão do horizonte intencional das vivências no mundo. É muito mais que vê os fenômenos, pois segundo Cerbone (2014), a fenomenologia nos convida a ficar com o que estou chamado aqui ‘a própria experiência’, para que quer possa subjazê-la ou ser causalmente responsável por ela.

Como já destacado, Husserl buscar para este caminho (saída da atitude natural para a atitude fenomenológica), o caminho chamado por ele de *redução fenomenológica*. Este método pode ser entendido como “método de purificação” ou mesmo de “método de meditação.” Ou seja, o aspecto de transcendentalidade parte para além da condição meramente empírica. Ressaltando a ideia de suspensão, Sikowski afirma:

Esta suspensão, esta neutralização de nossas modalidades dóxicas, é também chamada *epoché*, um termo tomado do ceticismo grego, em que significa a retenção que o cético dizia que deveríamos ter com respeito a nossos juízos sobre as coisas; eles diziam que deveríamos reter o juízo até que a evidência fosse clara. Embora a fenomenologia tome 'esse termo do ceticismo grego, a implicação cética do termo não é preservada. A *epoché* na fenomenologia é simplesmente a neutralização das intenções naturais que deve ocorrer quando contemplamos essas intenções. [...] Quando entramos na atitude fenomenológica, suspendemos nossas crenças, e pomos entre colchetes o mundo e todas as coisas no mundo. Pomos o mundo e as coisas nele ‘entre colchetes’ ou ‘entre parênteses’. Assim, quando colocamos entre colchetes o mundo ou algum objeto particular,

Da logicização do mundo ao mundo pré-dado: uma análise da existência a partir da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de Edmund Husserl de 1936
PEREIRA, Claudinei Reis

não o votamos a mera aparência, uma ilusão, mera idéia ou qualquer outro tipo de impressão meramente subjetiva. Mais propriamente, agora o consideramos precisamente como ele é intencionado por uma intencionalidade na atitude natural (SIKILOWSKI, 2000, p. 6-7, grifos do autor).

Observa-se que essa característica do método fenomenológico, não é uma desconsideração da subjetividade, contudo, para se chegar à atitude fenomenológica, se faz necessário uma avaliação de nossas próprias ideias, convicções, princípios, conceituações ou convicções. Isso, ao nosso modo de vê, é puramente pertinente.

Como deixamos claro para este artigo, nosso objetivo aqui não é fazer um exercício descritivo de toda a história da fenomenologia e conseqüentemente do seu método (claro, sem desconsiderar sua importância), mas problematizar a partir de alguns de seus aspectos o possível olhar pontual da realidade, evidenciando assim a crítica de Husserl a ciência.

Seguindo a discussão, dando especificidade a análise da *epoché* transcendental husserlina, se faz necessário dentro da visão fenomenológica, uma manifestação nas ciências objetivas. Ou seja, “Numa tal concepção, parece que deve ser estabelecido um novo interesse puramente teórico, uma nova ‘ciência’, com uma nova técnica profissional, [...] as quais, têm o seu único valor real na utilidade para a vida” (HUSSERL, 2012, p. 111).

Pensando assim, a grande tarefa do pensamento de uma pura doutrina da essência do mundo da vida seria uma reflexão radical do mundo objetivo. Eis então, a proposta titular desse trabalho: a proposta de nova ontologia do mundo da vida. Que em Husserl é caracterizado como pré-dado, isto é: “[...] O horizonte que abrange, em fluxo constante, todas as nossas metas, todos os nossos fins, passageiros ou duradouros, precisamente tal como de antemão os ‘abarca’ implicitamente uma consciência intencional de horizonte” (HUSSERL, 2012, p. 117).

Por sua vez, a suspensão dos juízos não se caracteriza numa simples suspensão circundante de valores, mas parece que Husserl está interessado em sua maior abrangência. Por isso Husserl (2012) afirma que a necessidade de uma *epoché* universal se faz necessária para uma auto compreensão do mundo da vida. No texto *As conferências de Paris* de 1929 encontra-se a seguinte ressalva:

Assim, se realiza a ideia de uma Filosofia Universal - Completamente diferente do que pensam Descartes e os seus contemporâneos, guiados pela nova Ciência da Natureza – não enquanto sistema universal da teoria dedutiva, como se todo e qualquer ente estivesse incluído na unidade de um cálculo, mas antes enquanto *sistema de disciplinas fenomenológicas correlativas*, desenvolvidas a partir do fundamento último não do axioma *ego cogito*, mas de uma autorreflexão universal. [...] Eis que estas palavras delficas ganham uma nova significação, Ciência positiva é ciência pedida no mundo. **Deve-se primeiro perder o mundo pela *epoché* para ganha-lo de novo** numa autorreflexão universal (HUSSERL, 2013, p. 38, grifos do autor, negrito nosso).

Da logicização do mundo ao mundo pré-dado: uma análise da existência a partir da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de Edmund Husserl de 1936
PEREIRA, Claudinei Reis

Curiosamente, Husserl ao destacar que “deve-se primeiro perder o mundo pela *epoché* para ganha-lo de novo” posteriormente por via de uma autorreflexão universal, parece (aqui faço um parêntese) curiosamente tomou como base de sua argumentação o autor dinamarquês Søren Kierkegaard, especialmente lindo em sua obra *Temor e tremor* de 1843. Kierkegaard (1843) fazendo referência ao episódio do sacrifício de Isaac, Abraão resignou-se infinitamente a tudo para tudo recuperar pelo absurdo.

Sem querer entrar em muitos detalhes nas categorias kierkegaardianas, isso se define com suspensão teleológica da moral. Ou seja, abrir mão das “certezas da finita da moralidade” e se lançar diante da “certeza infinita do absurdo.” (fé) Falando de outra maneira: abrir mão de Isaac pela incerteza da finitude para retomá-lo novamente pela certeza infinita da fé.

Tal entendimento se assemelha quando Husserl afirma que temos que abrir mão (perder) do mundo em um primeiro momento pela *epoché*, para que depois a retomem-na de novo, não pela fé como descreve Kierkegaard, mas por uma autorreflexão universal. Para essa atitude, podemos chama-la de “*resignação fenomenológica*” ou “*resignação da epoché fenomenológica*.” Compara-se que, se em Kierkegaard retomar Isaac pela fé significa retoma-lo em uma nova configuração subjetiva, por outro lado, em Husserl perder o mundo pela *epoché* para ganha-lo de novo numa autorreflexão universal seria de igual modo uma nova apropriação, não só dos valores do mundo, mas da própria subjetividade.

Dito assim, a fenomenologia enquanto ciência restauradora das convicções da atitude natural busca uma nova visão diante do mundo, uma nova perspectiva ontológica. Assim, segundo Sikolowski (2000) a doutrina da redução transcendental é especificamente importante porque dá uma nova definição de como a filosofia pode estar relacionada à vida e à experiência pré-filosófica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tem como meta apresentar a teoria epistemológica husserliana tendo como base objetiva à sua crítica ao método científico a partir da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de 1936. A partir desta obra, Husserl estabelece sua crítica a ciência entendendo que esta esvaziou o sentido do mundo da vida tornando-a naturalizada. Para a sua superação, se faz necessário à saída da atitude natural para se chegar à atitude transcendental, que se dá exclusivamente pela *epoché* fenomenológica. De acordo com as categorias husserlianas, esta seria a condição da consciência intencional perante o mundo da vida.

Neste trabalho, foram expostas (brevemente) algumas características do método fenomenológico, dando ênfase a *epoché fenomenológica*, ao qual, Husserl afirma que seria uma das principais condições necessárias para saída da atitude natural. Ademais, seria ainda a condição fundamental para uma autorreflexão universal.

Da logicização do mundo ao mundo pré-dado: uma análise da existência a partir da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de Edmund Husserl de 1936
PEREIRA, Claudinei Reis

Foi destacado ainda que a proposta do método fenomenológico é uma entre as demais possibilidade teóricas, uma das teorias capaz de possibilitar a transformação do mundo da vida suprimido pela ciência moderna. A visão simplória teórica, da “analítica lógica profissional”, da exatidão matematizante do mundo e a desconsideração histórica desqualifica seguramente o mundo da vida segundo Husserl.

Husserl não está buscando ao que parece um simples resignificação do mundo, mas uma resignificação transcendental universal do mundo da vida. A ordem do mundo para Husserl não seria a ordem científica, mas a ordem pré-objetivo, pré-científica, pré-significativa e pré-dada. O mundo pré-dado para Husserl seria a fusão do horizonte simbólico subjetivo pré-estabelecida, ao qual o mundo seria o índice de expressão desta fusão.

Na primeira parte se exposto as verificações de Husserl sobre a crise das ciências europeias. Ao qual destaca que a crise científica não é simplesmente uma crise particular da ciência, mas esta se estende a toda à humanidade. A ciência historicamente falando se apresentou como um modelo seguro para a humanidade, contudo, essa mesma história fora demonstrando seus limites. Essa incapacidade de auto avaliação da ciência Husserl classifica como ingenuidade.

A ciência ingênua é aquela que desconsidera as outras possibilidades possíveis para o conhecimento, que exclui a história como um meio para a própria análise do seu desenvolvimento, é ainda aquela que vê o mundo pura e simplesmente pela ótica naturalista e objetiva.

Por fim, na última parte versa sobre a fenomenológica como meio mais seguro para a resignificação do mundo da vida a partir de uma nova proposta de uma ontologia transcendental. É a busca pela essência das próprias coisas que dar a fenomenologia o caráter singular enquanto nova teoria epistemológica.

Portanto, o tocante da fenomenologia parte do processo real da própria experiência. Esse novo modo radical de pensar a realidade é o que faz da fenomenologia umas das mais consideradas correntes do pensamento humano do XX. A fenomenologia é então esse novo aparecer que faz o desaparecido mundo da vida tomar o seu lugar de origem, isto é, o seu reconhecimento ontológico transcendental das próprias coisas.

REFERÊNCIAS

CERBONE, David. R. **Fenomenologia**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2014. (Série Pensamento Moderno).

Da logicização do mundo ao mundo pré-dado: uma análise da existência a partir da obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de Edmund Husserl de 1936
PEREIRA, Claudinei Reis

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental:** Uma introdução à filosofia fenomenológica. Trad. de Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas e conferências de paris.** Trad. de Pedro M. S. Alvez. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

HUSSERL, Edmund. A ingenuidade da ciência. *Scientie studia*, São Paulo, v. 7, n. 4, 2009.

HUSSERL, Edmund. **El artículo «fenomenología» de la enciclopedia británica.** [Nota: texto escaneado a partir de la antología Edmund Husserl, Invitación a la fenomenología, Paidós], Barcelona, 1992.

LIMA VAZ, Henrique. **Antropologia filosófica.** (volume I) 10. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

FERREIRA, Elizia Cristina. A fenomenologia husserliana e a ruptura com a atitude natural. **Tempo da Ciência** (13) 26: 69-83, 2º semestre 2006.

KIERKEGAARD. **Temor e tremor.** Trad. de Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os pensadores).

SEMERARO, Giovanni. **Saber Fazer Filosofia: O pensamento moderno.** 2. ed. Aparecida: Ideia & Letras, 2011.

SOLOMON, Robert C. **O prazer da filosofia: entre a razão e paixão.** Trad. de Maria Beatriz de Medicina. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SIKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia.** Loyola: São Paulo, 2000.

TOURINHO, Carlos Diógenes. **Saber Fazer: da antiguidade à Idade Média.** (Cod. Giovanni Semeraro). Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

TOURINHO, Carlos Diógenes. Fenomenologia e ciências humanas: A crítica de Husserl ao positivismo. **Rev. Filos., Aurora**, Curitiba, v. 22, n. 31, jul./dez. 2010.

TOURINHO, Carlos Diógenes. A filosofia como ciência de rigorosa: a crítica ao psicologismo e a autorreflexão da consciência transcendental. **Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito**, Rio de Janeiro, v.3, n.2, out.2010/mar.2011.

ZILLES, Urbano. A fenomenologia husserliana como método radical. In: HUSSERL Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia.** 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. (Coleção Filosofia, 41).